

## CARNAVAL E ATENÇÃO PSICOSSOCIAL: APONTAMENTOS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO COLETIVO CARNAVALESCO *TÁ PIRANDO, PIRADO, PIROU!*

Carnival and psychosocial attention: notes from the experience of the coletivo carnavalesco *tá pirando, pirado, pirou!*

Carnaval y Atención Psicosocial: apuntes a partir de la experiencia del Coletivo Carnavalesco *Tá Pirando, Pirado, Pirou!*

**Beatriz Ramos Brega**

<https://orcid.org/0009-0001-3865-1605>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Terapia Ocupacional, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

**Lisete Ribeiro Vaz**

<https://orcid.org/0000-0002-5228-1364>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Terapia Ocupacional, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

**Juliana Araújo Silva**

<https://orcid.org/0000-0002-2028-9417>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Terapia Ocupacional, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

**Objetivo:** Abordar o surgimento do *Tá Pirando, Pirado, Pirou!* e afirmar uma relação importante entre Carnaval e Atenção Psicossocial. **Síntese dos elementos do estudo:** As tensões presentes na história da loucura e as disputas marcadas no contexto carnavalesco são elucidadas para dialogar sobre as questões políticas, econômicas e sociais que permeiam esses campos. O *Tá Pirando* é destacado enquanto uma iniciativa que promove garantia de direitos, acesso à cidade, valorização e expressão da cultura popular. **Conclusão:** Projetos e ações que atuam neste encontro são potências de transformação, especialmente com a atuação de Terapeutas Ocupacionais.

**Palavras-chave:** Cultura Popular. Inclusão Social. Terapia Ocupacional. Reforma Psiquiátrica. Saúde Mental.

**Abstract: Objective:** To discuss the emergence of *Tá Pirando, Pirado, Pirou!* and emphasize the significant relationship between Carnival and Psychosocial Care. **Synthesis:** The historical tensions of madness and the disputes in the Carnival context are analyzed to address the political, economic, and social issues surrounding these fields. *Tá Pirando* is highlighted as an initiative that promotes rights, city access, and the appreciation of popular culture. **Conclusion:** Projects and actions in this intersection are transformative, especially with the involvement of Occupational Therapists.

**Keywords:** Popular Culture. Social Inclusion. Occupational Therapy. Psychiatric Reform. Mental Health.

**Resumen: Objetivo:** Abordar el surgimiento de *Tá Pirando, Pirado, Pirou!* y afirmar una relación importante entre el Carnaval y la Atención Psicosocial. **Síntesis:** Se analizan las tensiones históricas de la locura y las disputas en el contexto del Carnaval para abordar las cuestiones políticas, económicas y sociales que rodean estos campos. *Tá Pirando* se destaca como una iniciativa que promueve los derechos, el acceso a la ciudad y la valoración de la cultura popular. **Conclusión:** Los proyectos y acciones en esta intersección son transformadores, especialmente con la participación de Terapeutas Ocupacionales.

**Palabras-clave:** Cultura Popular. Inclusión Social. Terapia Ocupacional. Reforma Psiquiátrica. Salud Mental.

### Como citar:

Brega, B. R.; Vaz, L. R.; Silva, J. A. (2025). Carnaval e atenção psicossocial: apontamentos a partir da experiência do coletivo carnavalesco *tá pirando, pirado, pirou!* Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 9(1): 3188-3198. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto65003

## **“Ó, abre alas, que eu quero passar”**

A palavra "estigma" vem do latim "stigma", que significa picada, marca ou sinal. Na Grécia antiga, "stigmata" era usado para marcar escravos, criminosos e prisioneiros de guerra, indicando pessoas a serem evitadas em público (Goffman, 2004). Na Idade Média, durante epidemias de peste, lepra e doenças venéreas, os doentes eram socialmente estigmatizados e tratados em instituições distantes da cidade, excluídos do convívio em sociedade (Bussinger & Arantes, 2016). Após o surgimento da psiquiatria, pessoas em sofrimento psicossocial, rotuladas como "loucas" ou "doentes mentais", passaram a ser marginalizadas e aprisionadas devido ao estigma da loucura, que as associa à periculosidade, improdutividade e incapacidade.

Esse preconceito foi usado para invalidar a existência dessas pessoas, internando-as por longos períodos em hospitais psiquiátricos. Por décadas, as internações perpetuaram violações aos direitos humanos, impossibilitando a construção de vidas em comunidade, com trocas subjetivas e de valor social, o acesso à cidadania e às ocupações que constituem os diferentes modos de ser e estar na vida.

Foi somente após a Segunda Guerra Mundial que as condições desumanas dos manicômios começaram a ser questionadas com maior intensidade. No Brasil, em 1979, o psiquiatra italiano Franco Basaglia visitou o Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena (CHPB) em Minas Gerais, onde estima-se que mais de 60 mil pessoas morreram. Basaglia comparou o maior manicômio do país aos campos de concentração nazistas (Amarante, 2007), destacando a barbárie do local.

O Movimento Antimanicomial teve seu início através da mobilização de profissionais, usuários e familiares, com base na necessidade de mudanças no paradigma de cuidado às pessoas em sofrimento psicossocial. A Reforma Psiquiátrica Brasileira, inspirada por movimentos globais e coincidindo com a redemocratização nos anos 70, buscou romper com o modelo biomédico e hospitalocêntrico. Como resultado da luta coletiva em defesa do cuidado em liberdade, constituiu-se, a partir de 2011, a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), composta por serviços de base territorial e comunitária que, dentre outras funções, buscam favorecer a inclusão social através da promoção de autonomia e do exercício da cidadania (Portaria nº 3.088/2011).

A Reforma Psiquiátrica abrange diversas dimensões, incluindo não apenas a transformação no modelo assistencial, mas também a mudança no imaginário social sobre a loucura. Projetos e oficinas de geração de trabalho e renda, associações de usuários e familiares, cooperativas sociais e projetos comunitários são alguns exemplos de iniciativas que permeiam a chamada "dimensão sociocultural" (Amarante, 2007).

Uma das estratégias de inclusão social de pessoas em sofrimento psicossocial no Rio de Janeiro é o Coletivo Carnavalesco "*Tá Pirando, Pirado, Pirou!*", criado em 2004 no Instituto Philippe Pinel (IMPP) e no Instituto de Psiquiatria da UFRJ (IPUB), em parceria com o Instituto Franco Basaglia (IFB) e a Associação de Moradores da rua Lauro Müller (ALMA). O Coletivo é fruto de percepções das conexões existentes entre o Carnaval de rua e a Reforma Psiquiátrica Brasileira e opera em articulação com a

RAPS, sendo constituído por usuários, familiares, trabalhadores, estudantes, militantes e simpatizantes da causa.

Os integrantes se envolvem, durante o ano inteiro, em todos os processos criativos que compõem o bloco, desde a escolha do enredo e do repertório musical, até a confecção dos figurinos e adereços. Os ensaios, concursos, oficinas, assembleias, desfiles e demais atividades constroem espaços de convivência, trocas de saberes e experimentações estéticas que resultam na ressignificação do olhar para a loucura, para que esta seja entendida não mais como uma alienação a ser curada, mas sim uma experiência que pode fazer parte da existência humana, como um samba do Coletivo anuncia: “quem nunca pirou, pode até pirar um dia (...)” (Brazil et al., 2010).

Todavia, considerando os valores conservadores e hegemônicos que são perpetuados na sociedade brasileira, não é sem contradições e incômodos que esses encontros acontecem. Para além do estranhamento de se pensar o surgimento de um bloco de rua dentro de um hospital psiquiátrico, outros agravantes se dão pelos atravessamentos e *modus operandi* da Zona Sul<sup>1</sup>, onde o *Tá Pirando, Pirado, Pirou!* desfila. A região, que concentra diversos cartões postais da cidade, carrega tentativas históricas de exclusões sociais, que incluem a patologização das pessoas fora do padrão euro-branco-ocidental, em uma visão etnocêntrica e racista.

É também entre tensões e influências que o Carnaval se constitui no Brasil, sendo marcado tanto pelos bailes de máscaras, festas em teatros, cassinos e residências particulares da burguesia inspirados nos padrões europeus, quanto pelos desfiles, blocos e cordões nas ruas repletos de representações, costumes e ritmos das camadas populares, inspirados nas culturas africanas. Ainda hoje, as contradições são notórias: a diversidade étnico-racial e cultural do nosso país é reconhecida e visibilizada nas festas carnavalescas, ao mesmo tempo que as desigualdades e normas sociais são reproduzidas. Não é por acaso que Wilson das Neves (1996) simboliza que “o tema do enredo vai ser a cidade partida / no dia em que o couro comer na avenida / se o morro descer e não for Carnaval”.

De que forma, então, o Carnaval se relaciona à Luta Antimanicomial e ao campo da atenção psicossocial? Quais estratégias são desenvolvidas pelo *Tá Pirando* para promover transformações sociais? Essas foram algumas das questões centrais do Trabalho de Conclusão de Curso em Terapia Ocupacional, para as quais busquei respostas por meio de vivências com o Coletivo. Experiências tão intensas que me levaram, inevitavelmente, a fazer parte dele.

Nesse sentido, o presente artigo apresenta passagens da pesquisa de conclusão de curso realizada. Ele pretende abordar a contextualização do surgimento do *Tá Pirando, Pirado, Pirou!* e afirmar uma relação importante entre Carnaval e práticas da atenção psicossocial. Temos acompanhado o crescimento de projetos e ações que atuam neste encontro, em diferentes regiões do Brasil. Sendo assim, acredita-se

---

<sup>1</sup> A Zona Sul, região onde o *Tá Pirando, Pirado, Pirou!* desfila, é marcada pela heterogeneidade social. Esta região, que concentra diversos cartões postais da cidade, foi a principal área de desenvolvimento econômico a partir do século XX, quando as classes dominantes ocuparam os bairros e a população pobre se estabeleceu em áreas não aproveitadas pelo capital imobiliário, principalmente nas encostas dos morros, pela necessidade de residirem próximos ao seu local de trabalho, o que suscitou a presença de favelas (do Nascimento Silva, 2010).

que o artigo possa colaborar com o fortalecimento destas iniciativas e com práticas de Terapeutas Ocupacionais presentes nestas ações.

### **“Na luta, na lida, no samba”**

Para elucidar o surgimento do *Tá Pirando, Pirado, Pirou!* e a relação entre o Carnaval e a atenção psicossocial, é fundamental ponderar sobre os caminhos que aproximam essas trajetórias.

Em “A instituição negada”, o psiquiatra Franco Basaglia, precursor do movimento de reforma psiquiátrica italiano conhecido como Psiquiatria Democrática, argumenta que “a violência e a exclusão estão na base de todas as relações que se estabelecem em nossa sociedade”, afirmando que as diversas instituições surgem através dos variados graus de aplicação dessa violência. Para o autor, “o que caracteriza as instituições é a nítida divisão entre os que têm o poder e os que não o têm”, que pode ser percebida tanto pelo caráter disciplinador das escolas e famílias, quanto pelo aspecto punitivo e patologizante do sistema carcerário e manicomial (Basaglia, 1985, p. 101).

Na história da loucura, a manicomialização foi utilizada como estratégia de encarceramento dos sujeitos considerados perigosos, improdutivos e incapazes de viver em sociedade. Além do confinamento físico, a lógica asilar teve repercussões nas normas e relações sociais, fortalecendo estruturas hegemônicas fundamentadas nos padrões euro-branco-ocidentais e numa determinada racionalidade. Basaglia (1985, pp. 105-108) afirma que “a doença, enquanto condição comum, assume significados concretamente distintos segundo o nível social do doente”, uma vez que as consequências da doença dependem do tipo de relação estabelecida com ela. Segundo o autor, “a exclusão ou expulsão da sociedade resulta antes da ausência de poder contratual do doente (ou seja, de sua condição social e econômica) que da doença em si”.

A Reforma Psiquiátrica emerge como um movimento de resistência, luta e reivindicação de direitos que visa romper com o paradigma da psiquiatria tradicional. Todavia, vale ressaltar que a lógica manicomial, ao se constituir por modos de operar, elaborar e agir, de se relacionar com a doença (Basaglia, 1985), pode se fazer presente para além das instituições às quais se relacionam - os manicômios propriamente ditos -, o que significa dizer que os serviços substitutivos podem carregar consigo um potencial institucionalizador que requer atenção.

Rotelli et al. (2001) apontam que, no contexto das reformas psiquiátricas da Europa e dos Estados Unidos, a desinstitucionalização foi praticada sobretudo por meio de políticas de altas hospitalares, redução do número de leitos e fechamento de hospitais psiquiátricos, sendo reduzida à desospitalização.

A desinstitucionalização, portanto, entendida e praticada como desospitalização, produziu o abandono de parcelas relevantes da população psiquiátrica e também uma transinstitucionalização (passagem para casa de repouso, albergues para anciãos, cronicários “não psiquiátricos” etc...) e novas formas (mais obscuras) de internação (Rose, 1979; Warren, 1980; Scull, 1981; Morrissey, 1982 como citado em Rotelli et al., 2001, p. 21).

Para os autores, os serviços territoriais “são os lugares nos quais se expressa a renovada intenção terapêutica da Psiquiatria” (Rotelli et al., 2001, p. 21), que podem produzir novas cronicidades e práticas de abandono. Nesse sentido, Torre e Amarante (2018) atentam para o risco da reedição de velhas práticas que, de forma sutil, podem resultar na padronização das abordagens, repetição de métodos de intervenção e acomodação a esquemas mecânicos, por meio de posturas infantilizadoras, assistencialistas e normalizadoras.

Essa tendência à disciplinarização se apresenta também na história do Carnaval. Simas e Fabato (2015) afirmam que, por volta da década de 40, as autoridades políticas começaram a enxergar as agremiações como veículos para exaltar os valores nacionais, sendo os enredos e os sambas considerados ferramentas para civilizar as massas.

No período ditatorial, sob censura rigorosa, algumas músicas e enredos considerados subversivos foram proibidos, resultando em uma tentativa de moldar a expressão cultural de acordo com os ideais do regime autoritário (Simas & Fabato, 2015). Além disso, relatos documentam que sambistas que faziam Carnaval e rodas de samba nas ruas após o expediente de trabalho enfrentavam a retirada de seus instrumentos e eram alvo de perseguições, repressões, violências e prisões (Nicolav, 2020), sendo o Carnaval de rua praticado predominantemente por negros, pobres e trabalhadores, considerado perigoso e inadequado.

Esse contexto repressivo se opõe ao conceito de “carnavalização”, proposto pelo pensador russo Mikhail Bakhtin.

Segundo Bakhtin (1981, p. 105) o que se abolia, principalmente, durante o carnaval era a hierarquia. (...): “revoga-se antes de tudo o sistema hierárquico e todas as formas conexas de medo, reverência, devoção, etiqueta, etc., ou seja, tudo o que é determinado pela desigualdade social hierárquica e por qualquer outra espécie de desigualdade (inclusive a etária) entre os homens”. A carnavalização adere a essa visão vasta e popular de carnaval que se opõe ao sério, ao individual, ao medo, à discriminação, ao dogmático. (como citado em Soerensen, 2011, p. 320)

O filósofo e antropólogo Roberto DaMatta segue a mesma linha interpretativa, afirmando que

No carnaval as leis são mínimas. É como se tivesse sido criado um espaço especial, fora da casa e acima da rua, onde todos pudessem estar sem essas preocupações de relacionamento ou filiação a seus grupos de nascimento, casamento e ocupação (DaMatta, 1997, p. 121).

No entanto, outra perspectiva considera a festividade não como um momento de subversão, mas sim de manutenção da ordem social. Em “Carnaval brasileiro: o vivido e o mito”, a socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz discute a influência da classe dominante na organização e controle dos festejos, a qual desempenha um papel crucial na preservação das estruturas e dos valores sociais, ainda que temporariamente camuflados pela animação festiva (Queiroz, 1992).

No mesmo sentido, o historiador brasileiro Luiz Antônio Simas (2019, p. 110) aponta que o Carnaval

se inscreve na história da cidade como um aguçador de tensões. (...) A ideia do que deve ser a festa sintetiza a disputa entre a cidade preta, rueira, subterrânea, pecadora, e a cidade que se quis europeia, civilizada, enquadrada nos ditames da ordem e da redenção pelas luzes, pelo cifrão, pelo terno e pela cruz.

Assim sendo, é razoável considerar que o Carnaval, embora seja visto como subversivo e propenso a expressão de críticas sociais e políticas, libertação temporária, celebração da diversidade e desconstrução de hierarquias, também pode reproduzir violências, preconceitos e exclusão social. Duas expressões carnavalescas racistas, amplamente utilizadas na sociedade, são o "crioulo doido" e a "nega maluca". De acordo com de Camargo David e Vicentin (2020), elas evidenciam o racismo como determinante na vinculação entre população negra e loucura, que é secular no Brasil. Essa relação foi percebida também por Lima Barreto, como é possível notar em seus relatos em "Diário do hospício" e "O cemitério dos vivos" sobre sua internação no Hospital Nacional dos Alienados:

Esse pátio é a coisa mais horrível que se pode imaginar. Devido à pigmentação negra de uma grande parte dos doentes aí recolhidos, a imagem que se fica dele é que tudo é negro. O negro é a cor mais cortante, mais impressionante (Barreto, 2010, p. 211 como citado em de Camargo David & Vicentin, 2020, p. 272).

O autor também traz a dimensão das classes sociais, destacando que "aqueles homens todos que para ali iam eram pobres, humildes" (Barreto, 1993, p. 126).

Nesse sentido, "a herança manicomial racista dos anos antecedentes somada às difíceis condições vigentes no Brasil, impostas pela ditadura militar desde 1964, fizeram com que a população negra compusesse maioria nos hospitais psiquiátricos" (de Camargo David & Vicentin, 2020, p. 270).

Essa herança manicomial racista não apenas impactou a saúde mental da população negra, como também contribuiu para o processo de apagamento cultural. Em "O corpo encantado das ruas", Simas atenta para o "epistemicídio em curso na cidade", por meio do qual há o

processo de destruição dos saberes, práticas, modos de vida, visões de mundo, das culturas que não se enquadram no padrão canônico. Relegadas ao campo da barbárie, ou acolhidas como pitorescas ou folclóricas, elas são desqualificadas em nome da impressão de que o hemisfério norte representa o ápice civilizatório da humanidade e de que a história humana só pode ser contada a partir dos marcos e códigos que o Ocidente produziu.

Os padrões e imposições da lógica normativa nos educam e engessam para que sejamos "incapazes de atentar para culturas que subvertem ritmos, rompem constâncias, acham soluções imprevisíveis e criam maneiras de preencher o vazio" (Simas, 2019, p. 26), como as culturas das ruas.

Uma figura de grande relevância na história do Carnaval, da atenção psicossocial e da Terapia Ocupacional, que exemplifica essa subversão de ritmos e normas, é Dona Yvonne Lara. Mulher, negra, filha de um casal de músicos, bisneta de uma mulher escravizada, oriunda da classe pobre e operária. Yvonne tornou-se a Rainha do Samba em uma época em que a música era um meio predominantemente

masculino. Além disso, trabalhou como enfermeira na Colônia Juliano Moreira e como assistente social no Instituto de Psiquiatria do Engenho de Dentro, onde atuou em parceria com a médica psiquiatra Nise da Silveira e desenvolveu atividades de músicas com as pessoas internadas. Mais tarde, se especializou em Terapia Ocupacional ao participar do “Curso Elementar de Terapêutica Ocupacional”, ministrado por Nise (Burns, 2006).

Em 2018, dois meses antes do seu falecimento, o *Tá Pirando, Pirado, Pirou!* botou o bloco na rua com o enredo “Foram me chamar! Eu estou aqui, na luta, na lida, no samba. Salve Dona Ivone Lara!”. Na ocasião, o Coletivo visitou a residência de Yvonne para anunciar pessoalmente a homenagem. Além disso, desfilou com a presença do músico André Lara, neto de Yvonne, que cantou os sucessos de sua avó.

### **“Quem nunca pirou, pode até pirar um dia”: passagens da história do Coletivo**

O Coletivo Carnavalesco *Tá Pirando, Pirado, Pirou!* foi fundado em dezembro de 2004 no Instituto Philippe Pinel (IMPP) e no Instituto de Psiquiatria da UFRJ (IPUB), com apoio do Instituto Franco Basaglia (IFB)<sup>2</sup> e da Associação de Moradores da Lauro Müller (ALMA). Inspirado pelo movimento de revitalização do carnaval de rua carioca e pelas afinidades entre a festa popular e os princípios da Reforma Psiquiátrica Brasileira, o Coletivo inovou ao reunir usuários, familiares, profissionais, moradores, estudantes, militantes e simpatizantes da Luta Antimanicomial.

No vídeo “Tá Pirando, Pirado, Pirou! O começo” (2015) disponibilizado no canal do YouTube da TV Pinel<sup>3</sup>, Alexandre Wanderley, coordenador do bloco, conta que as comemorações carnavalescas já aconteciam dentro do IMPP há, pelo menos, 10 anos antes do surgimento do *Tá Pirando*, sendo realizadas no pátio da instituição em parceria com o IFB e com blocos que desfilavam nos bairros do Centro e da Zona Sul, como “Empolga às 9”, “Bangalafumenga”, “Monobloco” e “Gigantes da Lira”.

Motivado pelo desejo de aprimorar os festejos e viabilizar uma construção integrada com outros serviços, Alexandre contatou Vandré, musicoterapeuta do Instituto de Psiquiatria da UFRJ (IPUB) e integrante da banda Cancioneiros do IPUB, que não só se mostrou solícito para contribuir, como também fez uma proposição fundamental para o que viria a ser o *Tá Pirando, Pirado, Pirou!*: a parceria com a Associação de Moradores da Lauro Müller (ALMA), com a intenção de colocar o bloco na rua.

O diálogo entre IMPP, IPUB, IFB e ALMA evidenciou o anseio de comemorar na comunidade que, até então, tinha pouca proximidade com o tratamento das pessoas em sofrimento psicossocial, apesar da proximidade geográfica com o campus da Praia Vermelha da UFRJ, onde localizam-se alguns dispositivos da RAPS. Este campus traz marcas históricas significativas, uma vez que se situa onde existiu o primeiro hospício do Brasil, o Hospício de Pedro II, inaugurado em 1841, que posteriormente passou a se chamar Hospício Nacional de Alienados. Apesar desta lacuna, engendrada principalmente pelos estigmas sociais,

---

<sup>2</sup> O Instituto Franco Basaglia (IFB), fundado em 1989, era uma associação civil sem fins lucrativos dedicada à defesa dos direitos humanos de pessoas em sofrimento psicossocial. Encerrou suas atividades em 2015.

<sup>3</sup> A TV Pinel é um projeto de televisão comunitária criado em 1996 no IMPP com objetivo de promover um espaço de criação aos usuários, familiares e técnicos do serviço por meio de recursos audiovisuais.

a sensibilização com os moradores mostrou-se efetiva. Era possível, então, pensar em abrir fronteiras e encontrar novos caminhos.

De dezembro de 2004 a fevereiro de 2005, o trabalho foi intenso para viabilizar o primeiro desfile. O nome "*Tá Pirando, Pirado, Pirou!*" foi proposto por Gilson Secundino, um dos fundadores do bloco e usuário da RAPS, e escolhido por meio de uma votação. Alexandre e outros participantes dizem que, na ocasião, ele explicou: "A gente tem que ser ousado e pretensioso. Não vamos fazer uma festa de Carnaval apenas pra quem já pirou, vamos pra rua brincar com quem tá pirando!".

A identidade visual também foi decidida conjuntamente. As cores vencedoras foram laranja, azul turquesa e verde limão. O design do logotipo, por sua vez, surgiu pela combinação de dois desenhos criados por Samy, artista plástico e usuário da RAPS, durante as oficinas do Papel Pinel<sup>4</sup>. Esses desenhos representavam uma mulher negra, cujas nádegas são representadas pelo Morro do Pão de Açúcar, e um homem negro com um pandeiro na mão, simbolizando a figura do malandro. Mais tarde, foi adicionada uma placa com os dizeres "Nem um passo atrás, manicômio nunca mais!".

Foi realizada uma campanha de doação de fantasias com os moradores, o trajeto a ser percorrido pelo bloco foi definido, foram averiguadas as questões burocráticas relacionadas à Prefeitura e o carro de som foi disponibilizado pelos sindicalistas da Petrobras, como resultado de uma colaboração mediada pelo presidente da ALMA. No ano seguinte, esse morador desempenhou um papel crucial na formação de uma parceria direta com a Petrobras, que perdurou até 2015.

O registro da TV Pinel confirma: o primeiro desfile do *Tá Pirando, Pirado, Pirou!*, realizado em 03 de fevereiro de 2005, embalou a rua Lauro Müller e contagiou a vizinhança. Já em 2006, houve o primeiro concurso para a escolha do enredo e do samba no pátio do IMPP, que logo se tornou uma tradição. Nesse mesmo ano, o bloco passou a desfilar na Avenida Pasteur e, a partir de 2017, estendeu seu percurso até as areias da Praia Vermelha, na Urca.

Atualmente, cerca de 80 pessoas participam das atividades regulares do bloco, 300 do evento de escolha do samba-enredo e aproximadamente 3000 foliões desfilam pela Pasteur. Existem diversas formas de participação em todo o processo que envolve a construção de um desfile, no qual o protagonismo dos usuários é uma orientação fundamental.

Ao longo desses 20 anos, novas gerações têm se incorporado ao *Tá Pirando*, incluindo estagiários, universitários e voluntários em geral. O Coletivo também tem conquistado crescente visibilidade e já recebeu cinco prêmios nacionais: "Cultura Viva" (2008) e "Loucos pela Diversidade" (2009) do Ministério da Cultura (MinC); "Arte, Cultura e Renda" (2009) do Ministério da Saúde; "Diploma Heloneida Studart de Cultura" (2016) da ALERJ; e "Cultura Viva - Sérgio Mamberti" (2023) também do MinC.

Desde 2014, o bloco integra a Rede de Pontos de Cultura do Ministério da Cultura. No entanto, desde 2017, deixou de receber financiamento regular, resultando em dificuldades para manter oficinas

---

<sup>4</sup> O Papel Pinel é um projeto de geração de trabalho e renda do Núcleo de Intervenção Cultural do IMPP que produz papel artesanal e promove a criação de ilustrações e colagens, desenvolvendo produtos personalizados.



regulares e remunerar os usuários consistentemente. Para viabilizar eventos, concursos e desfiles, o Coletivo realiza campanhas de financiamento, participa de editais, busca parcerias e vende produtos, como camisetas e adereços carnavalescos.

Em 2023, o Coletivo Carnavalesco *Tá Pirando, Pirado, Pirou!* recebeu o convite para integrar a Liga Sebastiana de blocos de rua do Rio de Janeiro. No entanto, há muitos anos, o Coletivo já faz parte da programação dos blocos de rua da cidade.

### **“Eu quero é botar meu bloco na rua”**

A construção do desfile anual começa no segundo semestre com reuniões para a seleção do enredo. Esse processo ocorre de maneira colaborativa, através de encontros em que todos podem participar e sugerir temas. Após as reuniões, caracterizadas por discussões e debates entre os proponentes e demais participantes, é realizada uma votação, na qual todos os presentes podem votar. Assim, de maneira democrática, é escolhido o enredo que embalará o bloco no Carnaval do ano seguinte.

Essa tradição começou em 2005, quando, no pátio do Instituto Municipal Philippe Pinel, o enredo selecionado pelo Coletivo para animar o Carnaval de 2006 foi: "Saúde, Arte e Loucura". Desde então, alguns enredos dos anos seguintes abordaram outras questões relevantes, como a necessidade de tratamento digno, a importância das manifestações populares, a valorização da cultura popular e a problematização das fake news. Além disso, foram feitas homenagens a figuras importantes, como Lima Barreto, Augusto Boal e Dona Ivone Lara.

Antes de se iniciar a composição do samba-enredo, é realizada uma etapa preliminar que potencializa e impulsiona esse processo: a construção da sinopse. Durante essa fase, são realizadas reuniões que oferecem aos foliões oportunidades de aprofundamento no tema do enredo. É comum que artistas, produtores culturais, historiadores, pesquisadores, professores e educadores populares sejam convidados para compartilhar seus conhecimentos com o Coletivo, enriquecendo o processo criativo. Após esses encontros, é elaborada a sinopse, uma síntese fundamentada no aprofundamento dos conhecimentos e estudos sobre as temáticas do enredo. A sinopse é amplamente divulgada nos grupos, redes sociais e nos serviços da RAPS, servindo como apoio e inspiração para as composições dos sambas-enredo.

A partir desse momento, são realizadas oficinas para composição e registro fonográfico em preparação para o concurso de samba-enredo, atualmente realizado no Rio Scenarium – Pavilhão da Cultura, uma tradicional casa de shows de música brasileira localizada na Lapa. No evento, os artistas se apresentam e são avaliados pelos jurados convidados, que escolhem qual samba será cantado no grande dia.

Com o samba escolhido, diversas oficinas são realizadas para a elaboração e confecção de alegorias, adereços, fantasias e camisas, além de reuniões focadas na organização necessária para, finalmente, botar o bloco na rua. Todo esse processo resulta no desfile, que é a concretização do trabalho de muitas mãos. Na avenida, o esforço coletivo dá vida às alegorias, fantasias, aos sonhos e desejos.

O desfile do *Tá Pirando, Pirado, Pirou!* abre-alas para o Carnaval e todo Carnaval tem seu fim. Todavia, nem tudo se acaba na quarta-feira de cinzas. Durante o ano inteiro, o Coletivo participa de fóruns, congressos, conferências, manifestações, rodas de samba e eventos, fortalecendo-se cada vez mais enquanto uma iniciativa de garantia de direitos, acesso à cidade, valorização e expressão da cultura popular.

Por fim, é importante registrar que, na história do *Tá Pirando, Pirado, Pirou!*, a Terapia Ocupacional se faz presente desde os movimentos carnavalescos que precederam o seu surgimento até os dias atuais. Com base nessa experiência, acreditamos que o encontro entre o Carnaval e a atenção psicossocial é um terreno fértil para as práticas de terapeutas ocupacionais, sob uma perspectiva antimanicomial, decolonial, antipatriarcal, contra-hegemônica e antirracista. Nesse sentido, as questões políticas, econômicas e sociais que permeiam esses campos foram elucidadas para dialogar sobre uma luta coletiva que é, sobretudo, em defesa da vida. Deixamos aqui, então, nosso convite ao leitor para carnavalizarmos juntos nas avenidas.

## Referências

Amarante, P. (2007). Saúde mental e atenção psicossocial. Editora FIOCRUZ.

Barreto, L. (1993). Diário do hospício; o cemitério dos vivos. Biblioteca Carioca.

[https://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204210/4101373/diario\\_hospicio\\_cemiterio\\_vivos.pdf](https://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204210/4101373/diario_hospicio_cemiterio_vivos.pdf)

Basaglia, F. (1985). *A instituição negada*. Editora Graal.

Brazil, F. (2010). Ser maluco é fácil, difícil é ser eu! Enredos Tá Pirando.

<https://tapirando.wixsite.com/2013/sambas>

Burns, M. (2009). *Nasci para sonhar e cantar: Dona Ivone Lara, a mulher no samba*. Editora Record LTDA.

Bussinguer, E. C., & Arantes, M. L. (2016). O ESTIGMA DA LOUCURA COMO FATOR USURPADOR DA DIGNIDADE HUMANA: UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA DO DIREITO À SAÚDE. *Interfaces Científicas - Direito*, 9–20.

DaMatta, R. (1997). *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro* (6.a ed.). Editora Rocco.

de Camargo David, E., & Vicentin, M. C. G. (2020). Nem crioulo doido nem negra maluca: por um aquilombamento da Reforma Psiquiátrica Brasileira. *Saúde Debate*, 44, 264–277.

<https://doi.org/10.1590/0103-11042020E322>

do Nascimento Silva, M. (2010). A favela como expressão de conflitos no espaço urbano do Rio de Janeiro: o exemplo da zona sul carioca [Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro].

[https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/16168/16168\\_1.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/16168/16168_1.PDF)

Goffman, E. (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Editora LTC.

Neves, W. das. (1996). O Dia Em Que o Morro Descer e Não For Carnaval. Letras.

<https://www.letras.mus.br/wilson-das-neves/1281422/>

Nicolav, V. (2020). Histórias quase esquecidas de repressão no Carnaval. Brasil de Fato.

<https://www.brasildefato.com.br/2020/02/21/historias-quase-esquecidas-de-repressao-no-carnaval>

Portaria nº 3088/2011, de 23 de dezembro. Ministério da Saúde.

[https://www.mprj.mp.br/documents/20184/99247/Portaria\\_N\\_3088\\_de\\_2011\\_Ministerio\\_da\\_Saude\\_Institui\\_red-cV6TsJSf.pdf](https://www.mprj.mp.br/documents/20184/99247/Portaria_N_3088_de_2011_Ministerio_da_Saude_Institui_red-cV6TsJSf.pdf)

Queiroz, M. I. P. (1992). *Carnaval brasileiro. O vivido e o mito*. Editora Brasiliense.

Rotelli, F. et al. (1990). Desinstitucionalização, uma outra via: a reforma psiquiátrica italiana no contexto da Europa Ocidental e dos países avançados. Em *Desinstitucionalização* (pp. 17-59). Hucitec.

Simas, L. A. (2019). *O corpo encantado das ruas*. Editora José Olympio.

Simas, L. A., & Fabato, F. (2015). *Pra tudo começar na quinta-feira: o enredo dos enredos*. MV Serviços e Editora LTDA-Mórula Editorial.

Soerensen, C. (2017). A carnavalização e o riso segundo Mikhail Bakhtin. *Travessias*, 5(1), 318–331.

<https://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/4370>

Torre, E., & Amarante, P. (2018). Saúde mental, loucura e diversidade cultural: inovação e ruptura nas experiências de arte cultura da reforma psiquiátrica e do campo da saúde mental no Brasil [Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca]. <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/38119>

**Agradecimentos:** Ao Alexandre Ribeiro Wanderley, por toda disponibilidade e parceria. Ao Coletivo Carnavalesco Tá Pirando, Pirado, Pirou!, por fazer folia em defesa da vida.

**Contribuição dos autores:** B. R. B.: Executou a pesquisa.; L. R. V.: Colaborou com a pesquisa. J. A. S.: Orientou a pesquisa.

**Recebido em:** 27/07/2024

**Aceito em:** 15/01/2025

**Publicado em:** 12/03/2025

**Editora convidada:** Grasielle Silveira Tavares